



Colégio Santa Cruz



# PADRE LIONEL CORBEIL

PRAGMÁTICO SONHADOR





Publicação comemorativa dos 67 anos de Colégio e dos 75 anos da Congregação de Santa Cruz no Brasil. A reportagem “Padre Lionel Corbeil: pragmático sonhador” é parte de uma série mais abrangente, “Santa Cruz de perfil” (de retratos diversos, com padres, educadores e funcionários da escola), encomendada a jornalistas e escritores, que se propõe reunir e recuperar a história do Colégio. Esta edição foi redigida pela jornalista Nanci Pittelkow (ex-aluna da turma de 1989).

Novembro de 2019

**Série “Santa Cruz de perfil”**

**Projeto Editorial:**

Alejandro Miguez  
Fábio Marinho Aidar

**Projeto Gráfico:**

Fabiana Fernandes

**“Padre Lionel Corbeil: pragmático sonhador”**

**Redação:**

Nanci Pittelkow

**Revisão:**

Luisa Destri

**Diagramação:**

Fabiana Fernandes

**Impressão:**

Aildo Carlos Oliveira Santos  
Fredson Ribeiro de Sousa

# PADRE LIONEL CORBEIL

PRAGMÁTICO SONHADOR

*Unindo “entusiasmos oníricos” (segundo texto de Paul-Eugène Charbonneau), visão pragmática e ação educadora, esse sacerdote canadense deixou em Montreal o que poderia ter sido uma boa vida de herdeiro para construir no “país do futuro” um modelo de escola como não havia na cidade de São Paulo na década de 1950. Antes disso, em 1944, o padre que sempre esbanjou alegria de viver (sem desperdiçar recursos materiais), fundou há exatos 75 anos a Congregação de Santa Cruz no Brasil, a primeira missão da entidade religiosa de origem francesa na América Latina, no bairro do Jaguaré. Seguindo o carisma educador da Congregação, padre Lionel Corbeil reuniu todos os predicados para perpetuar um projeto que integra humanismo, conhecimento, democracia e liberdade com responsabilidade.*

*Tu não te lembras da casinha pequenina,*

*Onde o nosso amor nasceu?*

*Tu não te lembras da casinha pequenina,*

*Onde o nosso amor nasceu?*

(Autor desconhecido)

Em 1943, um padre canadense nascido em Montreal, com seus quase 30 anos de idade e quatro de ordenação, recebe como missão fundar a Congregação de Santa Cruz em um distante país da América do Sul, o Brasil, mais especificamente na cidade de São Paulo. Depois de dois anos como professor no Colégio Saint Laurent, mantido pela mesma Congregação, e mais dois dedicados à administração e à Ação Católica, o jovem Lionel

Corbeil partiria para seu primeiro grande desafio. Mais dois colegas deveriam seguir com ele. “É importante que nós, esses três primeiros padres, tenhamos um bom relacionamento, facilidade de comunicação e diálogo”, pensa. Autorizado pelo superior provincial, convidou o bom amigo Oscar Melanson, que também tinha se candidatado para atuar fora do Canadá e a quem via como espiritual, inteligente, alegre e excelente companheiro. Aceitando o convite, logo Melanson recebeu também uma incumbência do colega Corbeil: convidar o terceiro padre. E, assim, Guillaume Dupuis se juntou ao grupo, agregando vários predicados: filho do maestro do coral da Catedral de Notre-Dame de Montreal, tocava piano e órgão, entendia muito de música e, claro, era um bom religioso, amável, de bom relacionamento.

*Tinha um coqueiro do lado,  
Que coitado de saudades já morreu.  
Tinha um coqueiro do lado  
Que coitado de saudades, já morreu.*

A longa jornada começou em 8 de dezembro, quando os primeiros três missionários de Santa Cruz no Brasil tomaram o trem em Montreal para Nova York e Miami, aonde chegaram em 12 de dezembro. Foram oito dias de espera até conseguirem vaga no avião DC-3 de 21 passageiros; em plena Segunda Guerra Mundial, os militares tinham prioridade nos voos e, por segurança, era melhor evitar os navios. Pelo mesmo motivo, também só era possível voar no período diurno. Foram cinco dias de viagem até o Rio de Janeiro, passando por Porto Rico, Haiti, Trinidad e Tobago, Cuba, Belém, Recife, Fortaleza, Natal, Salvador, chegando finalmente à Cidade Maravilhosa em 24 de dezembro de 1943. Sobre a terra onde pousaram, os três haviam lido *Brasil, País do Futuro*, livro de relatos de Stefan Zweig, filósofo e escritor austríaco que havia escolhido o país para viver em meio às dificuldades da guerra.

O período no Rio de Janeiro foi essencial para o futuro Congregação e do Colégio Santa Cruz. Em 26 de dezembro os padres foram recebidos

em um jantar na casa do embaixador do Canadá, no bairro de Santa Tereza. Depois da refeição o padre Dupuis foi até o piano e todos começaram a cantar canções tradicionais: *Alouette, gentille alouette... Old McDonald had a farm...*, encantando todos os presentes. Convidados a ficar até depois do Ano Novo, os padres acabaram hospedados na casa do major Kenneth McCrimmon e de sua esposa Nancy, no bairro do Leblon. O major tinha um órgão Hammond junto ao piano, e os hóspedes tiveram oportunidade de cantar muitas vezes. O major McCrimmon também era superintendente da Light no Rio de Janeiro e diretor da Cia. Canadense Brazilian Traction, de Toronto, que mantinha serviços de eletricidade, telefonia, gás e transporte por bondes. A Light fazia a doação do terreno de 50 mil m<sup>2</sup> onde está instalado o Colégio Santa Cruz no Alto de Pinheiros.

*Tu não te lembras das juras, oh perjura,  
Que fizeste com fervor?*

Os padres canadenses representavam a vanguarda, eram considerados mais modernos em comparação com os jesuítas, que fundaram a cidade de São Paulo em 1554. “Por exemplo, o uso da batina era um tabu para o clero brasileiro; na Congregação de Santa Cruz os religiosos eram muito menos apegados ao hábito”, conta o padre José de Almeida Prado, o primeiro brasileiro ordenado pela Congregação canadense, em 1953.

Dessa forma, os padres de Santa Cruz, apresentados principalmente pelo cardeal de São Paulo na época, Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, acabaram conquistando muitas das famílias tradicionais ou mais intelectualizadas da cidade, unindo a fé católica, a modernidade representada pelos países da América do Norte e a tradição cultural da França, onde nasceu a Congregação em 1837. “O Santa Cruz é o primeiro colégio religioso, católico, progressista do Brasil, pioneiro criador do primeiro curso experimental, e essa é a marca do Padre Corbeil”, opina Ricardo Kotscho, jornalista, aluno entre 1959 e 1963, pai de ex-alunas e avô de alunos. O curso experimental teve apenas uma turma, entre 1959 e 1962, e valorizava

a pesquisa para além das aulas expositivas. Apesar de bem sucedido, não era sustentável, mas trouxe novos conceitos e práticas para o curso regular.

A modernidade se refletia na forma de ser dos padres, que passaram a fazer parte da vida social e dos jantares formais e informais dessas mesmas famílias. Depois de alguns anos, já dominavam a língua portuguesa e até o cancionário popular local, como a tradicional Casinha Pequena, de autor desconhecido e consagrada por inúmeros intérpretes brasileiros na primeira metade do século XX, que padre Corbeil gostava de entoar com uma interpretação especial:

*Tu não te lembras das juras, oh perjura,  
Que fizeste com fervor?*

E interrompia a música para uma observação: “Agora, isto não é lá muito litúrgico, mas, em todo caso...”.

*Daquele beijo demorado, prolongado  
Que selou o nosso amor?  
Daquele beijo demoraaado, prolongaaado  
Que selou o nosso amor.*

Em 1977, 25 anos do Colégio Santa Cruz, a publicação comemorativa trazia uma justa homenagem ao fundador – um texto assinado por Paul-Eugène Charbonneau, padre, amigo, professor, filósofo, escritor, vice-diretor da escola e companheiro de trabalho por 28 anos. A homenagem é um perfil afetuoso que explica Lionel Corbeil em seis faces: o homem de fé, o apóstolo, o missionário, o educador, o administrador e, por fim, apenas o homem.

É esse homem que ligava para as famílias amigas mais próximas e avisava que estava indo jantar. “Um dia ele telefonou para minha casa e disse: ‘estou recebendo dois padres de fora. Um é do Haiti, o outro de Goa. Eu quero que jantem na sua casa, não na casa dos seus pais, pois eles têm de conhecer meus alunos, não meus amigos. A Paulinha está grandinha, já

pode sentar-se à mesa, né?’. E nós preparamos um peixão para os padres”. Quem conta é o hoje desembargador Cesar Ciampolini, ex-aluno, filho de Marcelo Ciampolini, amigo do padre Corbeil e um dos sócios da empreiteira que cedeu serviços para a construção do pavilhão do Ensino Médio, antes chamado de Colegial. Paulinha é a filha de César, naqueles idos de 1980 já aluna do Colégio Santa Cruz.

Corbeil era sempre bem-vindo nos lugares que frequentava e Charbonneau talvez consiga explicar parte de seu carisma. *“Em primeiro lugar (...) Quando passo de minha toca para seu escritório é sempre com a certeza de encontrar o sol e o riso. (...). É contagioso. Vamos encontrá-lo sempre rindo ou com um sorriso feliz que se irradia no olhar. (...) Em segundo lugar, há esse dinamismo inesgotável”*.

Às 6h30 da manhã ele já estava de pé. Não raro um amigo mais chegado ia encontrá-lo com roupa de ginástica seguindo as instruções do caderninho 5BX, sequência de 11 minutos de exercícios criada para os pilotos aéreos do Canadá. A técnica, que surgiu no fim dos anos 1950, alterna alongamento com abdominais, flexões e corrida sem sair do lugar. E Corbeil fazia os exercícios em seu quarto-escritório. Depois, tomava banho, tomava café, lia o breviário, fazia suas orações e começava a despachar às 9h30, 10 horas.

Ou, então, funcionários o encontravam, depois das datas comemorativas, como Natal e Ano Novo, dirigindo-se ao ginásio de esportes vazio, com roupa esportiva, raquete e bolinhas de tênis. “Vou bater paredão, para queimar as bobagens que eu comi...”.

As atividades físicas e os jogos foram uma constante em sua vida, mesmo que muitos não o considerassem um esportista. No Seminário Saint Croix, apreciava as práticas de baseball, handebol, hóquei. Na sede do Colégio Santa Cruz, a quadra de tênis garantia o jogo entre os padres e outros diretores e funcionários. Havia ainda o paredão e as sessões reservadas de ginástica. O baralho, mais especificamente o jogo de buraco, era uma constante na residência dos padres à noite. E o golfe o acompanhou durante toda a vida, desde a juventude no Canadá até a aposentadoria como diretor. “Quando em 1986 saiu do Conselho Estadual de Educação, órgão do governo estadual de

São Paulo, que costumava realizar reuniões às quartas-feiras à tarde, passou a jogar golfe nesses dias”, conta Wagner Pittelkow, ex-secretário geral, que trabalhou na escola por 48 anos.

Foi a paixão pelo golfe que o levou a conhecer o alfaiate que o atendeu por muitos anos. “Uma vez ele foi para o Canadá e trouxe um bonezinho de golfe. Mas depois de duas ou três lavagens o bonezinho começou a desmanchar. ‘Puxa, Francisco, vê se você acha um bonezinho como esse para comprar’. Eu disse, ‘Olha, padre Corbeil, meu pai é alfaiate. Se o senhor quiser, ele faz um igual. Então ele ficou cliente do meu pai, que também passou a fazer os ternos do Charbonneau, do padre Paulo, do padre Cláudio...”. Quem conta é Francisco Peixoto, secretário entre 1960 e 1977 e que foi contratado a partir de um teste realizado por Corbeil. “Ele me entrevistou e aplicou um ditado para saber se eu sabia escrever mesmo. Achou o resultado muito bom e perguntou se eu já havia lido o livro cujo trecho foi usado no ditado. Respondi ‘Não li, mas é assim que se escreve’. Ele gostou, deu risada. Comecei a trabalhar na secretaria no dia seguinte”.

O fundador do Santa Cruz não cuidava apenas da educação dos seus alunos. “Ele sabia que eu já havia passado em um concurso público, foi por isso que eu saí do Colégio em 1977. Mas mesmo assim ele insistiu para que eu fizesse um curso superior, que isso seria bom para a minha carreira. E acabei concluindo Administração de Empresas”, conta Peixoto.

Já Wagner Pittelkow pediu ao padre uma orientação para terminar o Ensino Médio. “Ele pediu um tempo para pensar e depois voltou com a solução. ‘Você pode estudar aqui mesmo no Colégio’. Dessa forma, fui aluno do Santa Cruz por um mês e meio. Mesmo sendo mais velho, não tive nenhum problema com os colegas ou professores, mas achei difícil conciliar trabalho e estudos no mesmo local. Desisti de estudar na escola e acabei encontrando outras soluções fora, até o ensino superior, sempre com o apoio do padre”.

Os dois secretários conheceram de perto facetas não tão sorridentes e risonhas de Corbeil, como seu alto nível de exigência, sua objetividade e sua integridade – que também lhe eram intrínsecas. Wagner conta: “Uma

vez uma pessoa passou muito tempo insistindo para marcar uma reunião com o padre Corbeil, que não queria atendê-lo porque sabia que não havia solução para o caso. A gente explicava toda a situação, mas o homem não se conformava. Finalmente Corbeil o recebeu. Quando a pessoa saiu da reunião, veio comentar: ‘ele falou exatamente aquilo que você já havia me falado’. Ele queria uma vaga para o filho na escola. Daquelas impossíveis”.

A objetividade sustenta a fama de grande administrador de Corbeil. “A gente marca a data para inaugurar porque aí fica pronto”, ele dizia. “E ficava pronto”, confirma Wagner. Era rigoroso na apuração de contas e balanços, rígido com dinheiro – “pão-duro”, seria possível dizer. “Por que se gastou tanto nisso?”, perguntava com frequência. Cesar Ciampolini conta que Oscar Ribeiro, um dos construtores do pavilhão do Ensino Médio, comentava: “se não tivesse vestido a batina, ele seria banqueiro”.

*“Digno herdeiro de seu pai, ele tem extraordinário talento (sem falar de sua fina intuição) (...) Começamos sem um vintém: temos hoje um patrimônio respeitável. (...) E graças a ele temos uma instituição próspera que, sem ser rica, está solidamente estabelecida. (...) seu senso de minúcia: um orçamento é um orçamento... Não se trata absolutamente de regatear, mas é preciso saber exatamente para onde se vai”,* constata Charbonneau em 1977.

Bom administrador e atento às finanças, é lembrado também como generoso. Sempre esteve aberto aos problemas e soluções para famílias e funcionários e, mais ainda, às questões sociais, tendo apoiado constantemente diversos projetos, além do SAN (sigla brotada de Santa Cruz significando Serviço de Auxílio aos Necessitados, o braço social da escola e da Congregação, em parceria com pais e alunos).

Em meados dos anos 1980, no início do Programa Social Santa Cruz Jaguaré Caminhos, o professor Cláudio Antônio Rondello, que traçou sua trajetória entre pastoral, SAN e Jaguaré, foi encarregado pelo padre Corbeil de pesquisar imóveis na comunidade para constituir os projetos educacionais locais. “Só que tem uma coisa”, advertiu Corbeil “não é você quem vai negociar imóvel, porque você tem coração mole. Leva o José Orlando (pai de ex-aluno, dono de restaurante e coordenador da Festa Junina na época)”.

“Em francês tem uma expressão: *‘homme d’affaires’*. Executivo. Corbeil era de uma família com conhecimentos no mundo das empresas. Ele sabia fazer contatos – com a Embaixada do Canadá, o Consulado, a Light... Soube costurar de todo lado, sempre ligado à Congregação. Era muito próximo de toda a Igreja Católica de São Paulo. Se tivesse ficado no seu cantinho, nunca teríamos o que temos hoje”, esmiúça Padre Roberto Grandmaison, que veio para o Brasil em 1968 e é membro do Conselho Administrativo do Colégio Santa Cruz e diretor geral do Programa Social Santa Cruz Jaguaré Caminhos.

Um homem de autoridade, mas não autoritário. Era diretor do Colégio e ninguém podia ignorar isso. Sabia onde procurar para resolver o que queria, era perspicaz, persistente e prudente.

“Ele é um exemplo do administrador de investimentos”, confirma Ruy Lopes Cardoso, professor de finanças e presidente da Associação dos Ex-Alunos, ilustrando a visão de futuro de Corbeil com um caso familiar. “Quando nós estávamos no Santa Maria, o meu irmão mais velho estava no último ano do primário e as freiras do Santa Maria nos indicaram para o padre Corbeil – ‘olha, tem umas famílias aqui que são grandes... na família dos Cardoso são três... Vai lá, fala com eles porque aí eles podem ir para o Santa Cruz’. O Santa Maria, da Congregação das Irmãs de Santa Cruz, era misto só até o final do Fundamental 1, o que se universalizou na década de 1980. Daí em diante, era só para meninas. Aí o Padre Corbeil foi jantar em casa. Ele tinha uma conversa muito boa, uma pessoa fenomenal, e falou para o meu pai: ‘Você põe os seus filhos lá no Colégio, nosso Colégio é bom’, e começou a explicar tudo... e nós fomos para o Santa Cruz”. O professor de finanças resume o perfil de Corbeil: um homem muito completo na gestão de educação, que soube reunir recursos financeiros, econômicos e materiais, relacionamentos humanos, além de aglutinar pessoas capazes para funções específicas. Seu colega de turma completa: “Ele montou a escola: o corpo docente e, em alguns casos, o corpo discente, quando saiu ‘caçando’ alunos entre as famílias paulistanas”, diz o jornalista Ricardo Kotscho.

No dia a dia, as reuniões e despachos administrativos seguiam seus rituais. “Eu o atendia em pé. Se alguém vinha com um assunto particular e a pessoa se sentava, ele já ficava nervoso. ‘Isso significa que vai demorar um pouco’”, conta o secretário Wagner. “Quando entrei na diretoria do Ensino Médio, em 1989, as reuniões eram chamadas conselho de direção”, conta Fábio Marinho Aidar, hoje diretor geral do Colégio. Havia um conselho para cada direção de curso. “Eram reuniões mensais e sempre muito formais, com começo, meio e fim, que Corbeil conduzia de forma muito eficiente, muito objetiva, com pautas bem definidas”, relembra Fábio, que compunha o conselho do Ensino Médio com Maria Lúcia Montoro Jens e Marcelo Paes de Mello.

“A convivência com os diretores era muito profissional. Ele era muito disponível para reuniões e tinha perfil executivo, apontando caminhos e soluções. Não enrolava. Lembro-me dele acompanhando obras. O Colégio estava sempre em obras”, relembra Sérgio Haddad, que participou da criação do Supletivo (hoje Educação de Jovens e Adultos – EJA) e o dirigiu desde seu início, em 1974, até o começo dos anos 1990.

Obras, construção e arquitetura. Administração em função do tipo de educação em que acreditava. Salas voltadas para o jardim. Que não terminassem numa calçada, como era comum nos anos 1950. A primeira escolha de arquiteto foi por Vilanova Artigas, representante da chamada Escola Paulista que já havia trabalhado com os padres da Congregação alguns anos antes. Este não podendo assumir, entrou Roberto Tibau, que se notabilizou na arquitetura escolar e aplicou conceitos modernos, com recursos para uma melhor ventilação e insolação. Foram utilizadas soluções inovadoras para a época, como piso drenante nas quadras de tênis.

Com modéstia para ocultar o sujeito do próprio sonho, Corbeil escreve: “Imaginou-se um colégio moderno, com linhas arquitetônicas simples, alegres, arejadas e funcionais, instalado no meio de belos jardins, de árvores, de flores e verdes gramados, com grandes áreas para esportes”. O exemplo pode ter sido o Saint Laurent no Quebec, onde deu aulas. De personalidade discreta, não entregava as fontes de suas inspirações – e o que não se sabe

com exatidão acaba virando lenda. Como ocorreu com a doação do terreno onde o Colégio foi construído.

Lenda:

*Narrativa de caráter maravilhoso em que um fato histórico se amplifica e transforma sob efeito da evocação poética ou da imaginação popular.*

(Dicionário Houaiss)

O fato é que a companhia canadense de energia, a Light, por meio dos bons contatos e relacionamentos do Padre Corbeil, doou em 1953 um terreno de 50 mil m<sup>2</sup> para a construção do Colégio Santa Cruz, que passou a funcionar no local em 1958. Mas a narrativa sobre a doação se desdobra em várias versões, com suas inevitáveis contradições.

“Ele recebeu a oferta de um terreno da Light perto do Shopping Iguatemi. Era necessariamente um terreno menor do que esse. *‘Não quero um colégio entre quatro muros’*, como havia em São Paulo na época. *‘Quero um com espaço para esporte’*. Os colégios canadenses que ele conheceu e frequentou valorizavam muito o esporte. Por isso ele rejeitou um colégio em um bairro nobre; ele escolheu uma ‘periferia’, era um pasto. E acabou sendo a célula *mater* do bairro”. Conta padre José. “Aqui não tinha nada. Tinha vacas. Jaguaré é a mesma coisa. ‘Vamos ao lugar onde não tem nada’. Criar algo novo”, completa padre Roberto.

Já Fábio Aidar conta outra versão: “Primeiro, ele queria a área onde acabou sendo construído o Shopping Iguatemi. Como ele não conseguiu, a Light fez a oferta de uma área mais distante que era quase um subúrbio de São Paulo na época, uma área de várzea do rio, e daí ele falou ‘está bom, mas então eu queria ter uma área maior’. Dizem que ele era visionário, que ele enxergava que aqui seria um bairro importante de São Paulo”.

“Não poderia ser o Shopping Iguatemi, não é o mesmo loteamento. Ofereceram terreno longe para valorizar a região com infraestrutura e ‘apresentar’ os lotes que ficavam no caminho entre uma região mais centralizada e a escola aos possíveis compradores”.

Desde a fundação, em 1952, até a construção e a abertura do campus no Alto de Pinheiros, em 1957, a escola funcionaria em uma casa da diocese em Higienópolis, em frente ao Colégio Sion, que era só para moças. Já nessa época, as famílias e os amigos se comprometiam a colaborar financeiramente, o que foi frequente na história da escola. Na missa de quarenta anos, padre Corbeil agradeceria a “pais e mães de nossos alunos (que) nos apoiaram não somente com uma amizade constante e muito apreciada, mas também com seu auxílio financeiro, particularmente na organização, divulgação e execução das famosas quermesses em prol da construção dos quatro primeiros pavilhões”.

Padre Corbeil foi diretor do Colégio Santa Cruz desde a fundação – com exceção dos anos de 1962 a 1967, quando a escola foi dirigida pelo padre Gilles Beaulieu – até sua aposentadoria, em 1992. Como seu legado se perpetua?

Palavras talvez gastas em 2019 – liderança, gestão – se renovam diante das percepções daqueles que conviveram com ele. Tinha perfil de empresário, capacidade empreendedora; para Cesar Ciampolini, podia ter sido ministro de Estado. Possivelmente sua origem em uma família de empresários tenha influenciado seu estilo gerencial, mas isso somado à escolha do sacerdócio revela uma personalidade compartilhadora, alinhada ao perfil da Congregação de Santa Cruz. “Os três padres que vieram (Corbeil, Melanson e Dupuis) eram completamente diferentes um do outro, mas formavam um grupo muito forte. A mesma coisa aqui, na escola. Nós, padres, nunca fomos muito numerosos, mas muito coesos; cada um com seu jeitão, a sua maneira de fazer e pensar; vivíamos uma coisa interessante juntos”, conjectura padre Roberto.

“Corbeil deixou uma marca no tipo de escola que se mantém. Mas não foi só ele. Charbonneau apresentou uma concepção filosófica muito clara. Padre Roberto e Padre José têm esse perfil mais humanista. Há um equilíbrio na concepção entre os padres”, opina Sérgio Haddad. “Ele se acercou de bons administradores, mas também de bons professores. Ele se orgulhava disso”, completa professor Cláudio.

Montou uma equipe séria, comprometida, engajada. Sempre buscou pessoas que pudessem prestar boa consultoria, fosse arquitetônica, financeira, jurídica. “O Conselho de Administração com o qual o Colégio conta hoje é uma confirmação da ideia de gestão de reunir grandes cabeças”, confirma Maria Lucia Montoro Jens (Malu), ex-diretora do Ensino Médio.

“Sempre ouço dizer que há algo de diferente nas relações entre as pessoas dentro do colégio, incluindo alunos, professores e funcionários. O departamento de Recursos Humanos foi criado tardiamente, mas já encontrou estabelecido na cultura da escola um ambiente respeitoso e um certo espírito de família, ainda que esse termo não seja usado”, conta o diretor Fábio Aidar.

Padre José, que conheceu Corbeil por meio das irmãs que frequentavam a Juventude Universitária Católica (JUC) e decidiu trocar o seminário em São Carlos pela Congregação de Santa Cruz, arrisca uma explicação: “Não era um intelectual, não era um teólogo. Corbeil era alguém que seguia de perto o andamento do Colégio. Deu ao Colégio uma estrutura bastante forte que permitiu uma longa caminhada sem decadência. Mantinha sempre um fôlego acima da média. Acompanhando a reunião dos professores, dos diretores, você percebe que não deve ter muito colégio que tenha um corpo docente como nós temos. Que tenha uma atividade tão bem organizada como nós temos”.

*“Ele é, sem sombra de dúvida, um educador nato. Sempre trouxe em si o culto da juventude. Não cego e permissivo, mas o de um homem de visão que percebe com sensibilidade incomum que não se pode ajudar uma nação a não ser na medida em que a educação é garantida a seus jovens”,* segundo as palavras de Charbonneau.

E o educador Corbeil tinha o olhar apurado tanto para os números do balancete quanto para notas em um boletim. Que o diga José Ernesto de Lima Gonçalves, filho mais velho de Ernesto Lima Gonçalves, médico pessoal e amigo de toda a vida de Corbeil e Charbonneau. Um dia, em um almoço de domingo na casa do médico próxima ao Colégio, conforme conta José Ernesto, caiu na mão de Corbeil o boletim do garoto, que teria

idade para entrar na 5ª série do Santa Cruz no ano seguinte, em 1965. “É... Com essas notas você não consegue entrar no Santa Cruz...”, disse-lhe o diretor. “Prometi melhorar. Entrei no Ginásio (Fundamental 2) e só saí no 3º Colegial (Ensino Médio)”, conta aquele que se formou em Engenharia e hoje dá aulas na FGV.

Charbonneau, em sua homenagem, prossegue: *“Sirvo-me aqui da palavra ‘criação’. (...) Graças ao espírito criador de Lionel, tornou-se uma constante entre nós reinventar continuamente os processos da educação, evoluir segundo as exigências de uma pedagogia moderna, acompanhar as transformações profundas que marcaram a juventude”*.

José Ernesto exemplifica: “Era tudo ‘errado’ no Santa Cruz. Tinha muita inovação. Lembro de fazermos discussões em grupo; ninguém fazia isso. Até hoje tem aluno que entra na ‘GV’ sem nunca ter feito uma apresentação em classe. A marcenaria era a grande parceira das minhocas didáticas do Colégio; eu me lembro de uma estrutura que girava um microfone para discussões em roda. Corbeil viabilizava, interferia, proporcionava recursos para as novidades”. De fato, nos relatos que fez de sua vida após a aposentadoria, Corbeil cita a carpintaria: “Os fundadores acharam por bem construir uma carpintaria, tão preciosa para a manutenção dos móveis e até dos imóveis. Aliás, ela se revelou de grande utilidade no decorrer dos anos, realizando até portas, janelas, carteiras de alunos etc.”

“Em determinado momento, enquanto eu era professor, nós queríamos utilizar uma bolinha muito rígida para fazer uma experiência no laboratório de física e pedimos emprestado para o Corbeil uma bola de golfe. Que ele emprestou, claro. Foi perfeita para a experiência”, relembra o Fábio Aidar agora diretor.

Outra questão era o esporte, muito valorizado nas escolas da Congregação, e não apenas por Corbeil. “Realmente, o incentivo à prática de esportes veio do Canadá, mas adaptado ao contexto novo: o país tropical contribuiu”, contextualiza padre Roberto. O primeiro ginásio de esportes foi construído em 1978. A tradicional Festa dos Esportes teve sua primeira edição em 1958, no ano seguinte à mudança da escola para o Alto de

Pinheiros, mobilizando alunos com vendas de convites, uniformes e muitas disputas em clima saudável. As lembranças são tão marcantes que ex-alunos criaram a Festa dos ExPortes, que já está na sua 13ª edição.

Sobre a idealização da instituição que sonhou, Corbeil incluiu em sua biografia o seguinte trecho escolhido entre os materiais produzidos para a escola: “Idealizou-se, projetou-se uma comunidade escolar alegre, feliz, onde todos os agentes de educação seriam participantes ativos, pela comunicação, pelo diálogo, pela realização de uma Escola que seria ‘a segunda casa dos meninos’ (...) com dois objetivos principais reunidos: um ensino centralizado no educando, presidido por uma pedagogia ativa, respeitadora dos seus interesses, de sua imaginação, de sua inteligência, dos dons criadores, do espírito de pesquisa e de suas opções livres; o outro, um ambiente que permitisse ao professor, ao mestre, ao técnico de educação, realizar-se profissionalmente. Que sonho para quem não tem casa, nem terreno, nem dinheiro, mas possui uma equipe competente, entusiasta, comunicativa, decidida e ousada!”.

Ousadia é o que não faltou a Malu Montoro, na época professora de Filosofia, para encampar a necessidade de tornar a escola mista. Até 1974 o Colégio Santa Cruz receberia somente meninos. Foram aproximadamente três anos de estudos e discussões para que as matrículas fossem abertas para as meninas.

“A gente começou a perceber que nas outras escolas havia todo um movimento para que não fossem seccionadas por sexo. O Santa Cruz estava crescendo, e a possibilidade de as meninas frequentarem uma escola de excelência era um processo inevitável. Até que eu e o Flávio Di Giorgi (grande intelectual e professor de Português e, depois, de Filosofia) assumimos essa batalha. Ele cuidou da fundamentação filosófica, teórica, e eu fui para o prático: fui visitar várias escolas em que já existia a coeducação para meninos e meninas. O conceito foi sendo trabalhado internamente. A maior resistência foi do Padre Corbeil, que dizia: ‘Esta é uma escola masculina. Pode distrair os meninos’. Afinal esse era o modelo que ele e os outros padres tinham experimentado a vida toda. Aos poucos a gente foi

desconstruindo essas ideias. Ele foi se abrindo. E foi muito alinhado. Era uma condição que estava se impondo, com fundamentação teórica, com propostas práticas e objetivas”, conta a educadora.

Algumas famílias já questionavam a escola pelo fato de o Santa Cruz ser somente para meninos. Então, todo o trabalho envolveu também a realização de reuniões com mães e pais e conversas com os rapazes, alguns bastante resistentes à novidade. “‘Queremos piscina, não queremos meninas’ era o cartaz e o bordão que fizemos para protestar na direção, quando começaram as discussões”, conta José Ernesto Lima Gonçalves.

“Daí as meninas vieram e abafaram, tiraram notas tão boas e até melhores, representaram um desafio para os meninos. No final do ano nós vibrávamos com os resultados”, conta Malu. “Isso mostra que Corbeil era intelectualmente muito disponível e aberto a mudanças: não queria, mas cedeu e ainda reconheceu os resultados”.

A história de Malu com o Colégio começou antes de a escola existir. Provavelmente apresentado pelo cardeal Motta, padre Corbeil já frequentava a casa de seu pai, Franco Montoro, que seria governador de São Paulo entre 1983 e 1987. “Lembro-me dos padres em casa, falando de um colégio. Minhas amigas me perguntavam: ‘onde seus irmãos vão estudar?’. E eu respondia: em um colégio que ainda não existe, mas que vai existir quando eles estiverem na idade”.

Cardeal Motta, conhecendo a vocação educadora de Santa Cruz, desde a chegada dos três padres cultivava a ideia da abertura de uma escola. Chegou a sugerir a aquisição de um colégio tradicional que estava à venda. A Congregação no Canadá recusou, para alívio de Corbeil, que não gostava daquele padrão antigo, com bandeira na rua, como ele mesmo escreveu em suas memórias, opinião que foi confirmada por vários colegas de trabalho e de sacerdócio.

A ideia era criar uma escola de excelência que pudesse oferecer aos alunos um elemento de transformação. Um conhecimento profundo da realidade para que pudessem mudá-la, nunca para aceitá-la. Muito caracteristicamente, o conhecimento da realidade social, da miséria, da

desigualdade. “O contato dos alunos com as classes menos favorecidas era praticamente uma exigência. O próprio curso do Charbonneau fazia-os analisarem muito e perceberem que eles tinham uma missão social. O perfil dos padres canadenses é tentar ver onde estão as necessidades e as oportunidades do ponto de vista social e educacional, indo além do projeto estabelecido e acabado. Eles planejavam com pragmatismo”, arremata Malu.

O ano de 1974 foi marcante na história do Colégio Santa Cruz, não apenas por causa da entrada do sexo feminino no corpo discente, mas também pela abertura completa das quatro séries do Fundamental I (antes chamado Primário), que se iniciara em 1973. Além disso, teve início o curso Supletivo (atualmente EJA – Educação para Jovens e Adultos) no período noturno. Os cursos noturnos do Colégio Santa Cruz completaram 45 anos em 2019, com a realização de um congresso de educadores e a publicação de um livro.

Como membro do Conselho Estadual de Educação, Lionel Corbeil foi o relator do capítulo estadual da lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que regulamentou a EJA. “Ele queria ser o primeiro a abrir o Supletivo. Naquela época, por causa do Concílio Vaticano II, havia uma pressão junto às escolas católicas no sentido da opção preferencial pelos pobres, e o trabalho das instituições de origem religiosa no Brasil ainda estava muito voltado às elites”, relata Sérgio Haddad, que antes de assumir a direção do EJA havia sido aluno e era professor do Santa Cruz. Abrir o curso noturno para aqueles que não tinham tido a oportunidade de estudar na idade regular foi, em diversas entidades, uma solução para atender as famílias que pudessem pagar e, ao mesmo tempo, cumprir a determinação da igreja. Já o Concílio foi a reunião eclesial iniciada em 1962 que, entre suas conclusões, buscou renovar a Igreja para que fosse mais alicerçada na igual dignidade de todos os fiéis e mais aberta para o mundo.

“O Santa Cruz manteve (e ampliou) os cursos regulares de acordo com os objetivos propostos por Corbeil e Charbonneau, que achavam que uma boa formação para as elites, de natureza cristã, católica, era uma forma de tornar a sociedade mais justa. Para eles, formar boas lideranças,

humanizadas, era necessário”, relembra Haddad. Para o professor, a abertura de um novo curso era uma oportunidade valiosa: “Fiquei logo interessado em fazer um trabalho social em plena ditadura. E atuar com os trabalhadores me deixou muito entusiasmado. Conversei com os padres e eles ficaram muito felizes. Senti que havia certo carinho por alguém que havia estudado lá e voltado para fazer parte naquele novo contexto”. A escola se tornou muito mais aberta, contemporânea, a partir de 1974, com a criação do EJA e a entrada das meninas. “Elas trouxeram arejamento e uma atualização de acordo com a evolução da sociedade. Algumas meninas do Ensino Médio inclusive atuaram no EJA, como estagiárias”, ressalta o ex-diretor do Supletivo.

Conforme Corbeil assina no Plano diretor de 1974, o início do curso Supletivo representou uma evolução a partir da direção, que passou a adotar o princípio da democratização do ensino a um número bem maior de alunos, abrangendo outras classes sociais e gêneros e se situando numa linha de educação libertadora. Assim, de 1.115 alunos e 50 professores em 1973, o Colégio saltou para 1.818 alunos em 1974, sendo 300 dos cursos noturnos, e 108 professores.

Outra mudança que nessa altura começou a ocorrer com mais intensidade foi a transformação de um colégio de padres para um de direção mista, “uma nova maneira de ser, unindo padres com leigos; criando confiança, entregando cargos de liderança para não religiosos, construindo condições de transição com segurança”, ilustra padre Roberto. Durante os primeiros quinze anos do Santa Cruz, todos os cargos de direção foram assumidos por padres, sendo o auge desse período os anos de 1961 e 1962, em que havia 12 padres, 310 alunos e 25 professores leigos. A presença de clérigos resultava de um interessante fenômeno canadense: em 1960, cerca de 25% de todos os que se formavam no ensino médio se dirigiam ao sacerdócio. De lá para cá a secularização do Canadá fez com que se reduzisse vertiginosamente a formação de religiosos. E, paralelamente, a direção da escola também foi se tornando laica. “É incrível como mantiveram o espírito dos padres no Santa Cruz sem os padres. É um mérito dos diretores, professores.... Quando vou

como avô aos eventos na escola, sinto que é o mesmo Colégio de quando estudei lá. Ficou alguma coisa no ar”, intui Ricardo Kotscho.

“O espírito continuou depois que os padres saíram porque aquilo já estava na cabeça das pessoas por meio de um sistema que dava certo: da liberdade, da verdade, de ter autonomia para distinguir o que pode e o que não pode. Coisas boas se multiplicam”, comenta Lucy Sayão Wendel, que vivenciou essa prática quando foi professora de química do Ensino Médio do Santa Cruz, desde o final dos anos 1960 até o início dos anos 2000. Ela lembra um saboroso episódio ocorrido após a aplicação de sua primeira prova, na qual nenhum aluno foi aprovado, quando entra na sala, encontra apenas um estudante. “Onde estão os outros?”, pergunta. “Estão fazendo greve por causa do resultado da prova”, responde o único presente. Ela então vai para o quadro e continua a aula. “A senhora vai considerar a matéria dada?”, pergunta o aluno. “Claro, eu dou aula até para meio aluno, se for a parte de cima”, ela responde. Então os estudantes voltam mansos para as aulas seguintes. “Por que deu certo? Graças ao apoio da direção”, considera Lucy.

“Legislações mudam. Carisma educacional fica. E o carisma de Santa Cruz é a educação”, explica padre Roberto. A Congregação de Santa Cruz foi fundada pelo padre Basilio Moreau, na França, em 1838. Para o fundador, beatificado em 2007, os estudantes dos colégios mantidos pela instituição religiosa deveriam ser intelectualmente proficientes, estudiosos dedicados e oradores altamente qualificados. A próxima geração deveria estar em dia com as teorias e filosofias modernas. E este poderia ser um discurso proferido no século XX por padre Corbeil que, para garantir esse carisma, contou com seus professores.

O que define o Santa Cruz? Uma escola católica que acolhe igualmente alunos de outras religiões ou mesmo aqueles sem religião. Um colégio que atende famílias tradicionais e outras nem tanto, mas que matricula aqueles aprovados em exame de seleção (conforme a série); que mantém o alto nível de exigência acadêmica da admissão à formatura. Uma escola com abertura para ouvir os pais, mas que respeita a liberdade acadêmica em sala de aula. São relatos de educadores. “O Colégio foi fundado por um indivíduo que

tinha essa qualidade: sempre apoiava os professores, com visão de educação muito democrática; Corbeil e Charbonneau”, insiste Lucy.

Um colégio que acolheu alunos, famílias e professores perseguidos pela repressão governamental nos anos 1960 e 1970, como o professor Flávio Di Giorgi e o hoje escritor Marcelo Rubens Paiva. Que deu bolsa de estudos para aluno que teve pai assassinado pela ditadura. Corbeil sempre se manteve próximo ao cardeal Paulo Evaristo Arns, presente na missa de quarenta anos da escola e grande articulador pela democracia no país. Uma escola que desde a redemocratização promove debates com alunos representando candidatos eleitorais, mesmo em sala de aula. E que chama candidatos ou seus representantes para debate aberto.

“O Santa Cruz sempre teve gente de direita, gente de esquerda e gente que esteve ali no meio. Quem é de direita acha que é um colégio de esquerda e quem é de esquerda acha que é um colégio de direita. Sempre foi assim”, confirma Lucy.

A independência política da escola não afastou seus diretores das representações institucionais nem dos órgãos de políticas públicas do Estado. Muito pelo contrário. Padre Leonel Corbeil foi um dos membros fundadores do Conselho Estadual de Educação, órgão do governo estadual de São Paulo, nos anos de 1963-1964. E permaneceu como seu membro até 1986, com um breve intervalo; foram ao todo 21 anos no Conselho, que é um órgão normativo, deliberativo e consultivo do sistema educacional público e privado paulista. É quem estabelece regras para todas as escolas de todas as redes – estaduais, municipais e particulares – de educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e profissional, seja presencial ou a distância.

E já é tradição o Santa Cruz contar com membros de sua direção no Conselho, como Luiz Eduardo Cerqueira de Magalhães (diretor geral a partir de 1993), conselheiro por períodos que somam mais de uma década. Além dele, Luiz Antônio de Souza do Amaral (ex-diretor do Ensino Fundamental), Maria Lucia Montoro Jens, entre 2012 e 2017 e, agora, o atual diretor, Fábio Marinho Aidar. “Nosso papel não é ser um representante do Santa Cruz na entidade. Nós representamos um conhecimento sobre

ensino e aprendizagem que obtivemos por trabalhar no Santa Cruz”, esclarece Malu Montoro.

Lionel Corbeil também foi fundador e presidente da Associação de Educação Católica do Estado de São Paulo de 1952 a 1974, que atualmente se chama ANEC (Associação Nacional de Educação Católica do Brasil). Seu currículo inclui ainda atuações como fundador e presidente honorário da Escola de Pais do Brasil, assistente da Juventude Universitária Católica (JUC), conselheiro espiritual de equipes de casais, além de conselheiro de diversas entidades filantrópicas e religiosas, como Dorina Nowill, para cegos. Nada mal para quem poderia ter herdado a maior fábrica de sapatos do Canadá...

*“Lionel soube aceitar o chamado de Deus e, deixando o que tinha para deixar, partir para o Brasil. Na época era ainda uma aventura, um mergulho no desconhecido. Tudo foi por ele aceito com espírito de fé, e a missão tornou-se uma alegria”*, escreveu Charbonneau. Diferentemente da maioria dos padres, como o próprio autor desse trecho, Corbeil vem de uma família abastada. Nascido em 15 de janeiro de 1914 em Montreal, quinto filho de uma família de sete irmãos, sua mãe, Gertrude, faleceu quando ele tinha 11 anos. O pai, Emile, muito religioso, cogitara ser padre. Na família, ele e o irmão Jean, dois anos mais velho, seguiram o caminho da fé. Corbeil teve, entre os votos, a missão.

A grande missão começou a se delinear em 1943, quando o arcebispo de São Paulo dom José Gaspar de Afonseca e Silva passou a negociar a vinda dos padres canadenses da Congregação de Santa Cruz ao Brasil para que assumissem uma paróquia. O trabalho no Brasil estaria desde o início ligado ao bairro do Jaguaré. Em 1945 Henrique Dumont Villares, presidente da S/A Imobiliária Jaguaré, doou um terreno no centro da região para a entidade. Aos poucos, os padres foram se inserindo na comunidade: suas residências foram construídas a partir de 1945 e em 3 de junho de 1946 eles se mudaram para o local. “As plantas foram realizadas por um jovem arquiteto de grande talento, Vilanova Artigas. Tudo de vidro do lado sul, com seis quartos, uma sala muito grande... que beleza de casa”, conta Corbeil em seus relatos.

Em 1947, assumiram a direção do Externato Jaguaré, a primeira escola da Congregação no país (depois dirigida pelas Irmãs de Santa Cruz e hoje uma escola pública). Também geriam um ambulatório médico e coordenavam ações culturais, sociais e esportivas, assim como trabalhavam na formação espiritual dos moradores. Em 1948, a igreja encontrou seu terreno definitivo. O primeiro culto na Paróquia de São José do Jaguaré foi realizado em 1951, e a obra foi concluída em 1967.

O engenho empreendedor dos canadenses também se fez presente no Jaguaré. Em dificuldades econômicas, os padres organizaram uma pequena fábrica de lamparinas de parafina para substituir as tradicionais velas de cera usadas nas igrejas brasileiras, que entortavam e derretiam com o calor umas das outras, deixando o ambiente muito sujo. “Essa fabricação, que aprendemos durante nosso noviciado, ajudou durante anos a nos sustentar e manter nossas obras apostólicas”, relata Corbeil.

Paralelamente à missão operária no Jaguaré, padre Corbeil assumiu também seu papel junto aos universitários da JUC, dentro do segmento da igreja chamado Ação Católica, movimento apostólico sob orientação de bispos e realizado pelos leigos. “Era uma tentativa de fazer com que a religião não ficasse apenas nas mãos dos religiosos, mas também exigisse a participação dos leigos católicos”, explicita Malu Montoro. “Meu pai foi fundador da Juventude Universitária Católica no Brasil”.

Foi na JUC que Corbeil conheceu um casal que o acompanharia por toda a vida, assim como a Charbonneau: Ernesto Lima Gonçalves, estudante de medicina, e Maria Aparecida Ataliba Lima Gonçalves, estudante de pedagogia. Dr. Ernesto se tornaria médico dos dois padres e Dona Tida traduziria textos de Charbonneau. Aliás, a saúde dos dois padres amigos era motivo de “denúncia” envolvendo Dr. Ernesto e o secretário Wagner. Este, quando percebia que um não estava bem, avisava o outro padre. Então, Charbonneau ou Corbeil, conforme a situação, acionava Dr. Ernesto.

Além do casal amigo e das irmãs do padre José Prado que o levaram à Congregação, uma geração inteira de universitários se reunia com Corbeil para lançamentos de boletins e revistas, criação da Fides (editora católica),

conferências sobre teologia e moral, retiros, encontros, JUC feminina. Retornando ao Brasil depois de uma breve viagem ao Canadá em 1946 em companhia de outros religiosos, Corbeil teve uma grata surpresa. Ao descer no aeroporto de Congonhas, ouviu aplausos e gritos de alegria. Os passageiros ficaram atônitos. Os universitários da JUC tinham vindo receber efusivamente os queridos padres canadenses.

Esse missionário abraçou sua vocação com fé e amor. “Ele amava tanto os brasileiros que era um ‘brasileiro’. Um dia precisou voltar ao Canadá a pedido da Congregação e disse: ‘Eu vou rezar para voltar para o Brasil; eu quero viver e morrer aqui’”, conta o secretário Francisco Peixoto. Mas tinha orgulho de sua raiz canadense e recomendava a todos que fossem conhecer sua terra. Perguntou ao recém-promovido assistente de diretoria Fábio Aidar certa vez: “Já foi ao Canadá?”. Diante da resposta negativa, recomendou: “Vai economizando dinheiro para um dia você conhecer, porque é muito bonito”. Anos depois, Fábio seguiu a recomendação e conheceu as obras da Congregação no país do fundador do Colégio.

Entre suas missões, almejava atravessar a virada do milênio, o que alcançou com sucesso, ainda que combalido por um AVC (acidente vascular cerebral). A outra era celebrar os cinquenta anos do Colégio Santa Cruz, o que quase conseguiu; faleceu nove meses antes, em 23 de dezembro de 2001, em decorrência de uma infecção pulmonar.

Muito próximo do papel de missionário, estava o apóstolo. *“Uma disponibilidade surpreendente (...) Ele não se recusa a nenhuma obra; não há ninguém que não possa contar com ele. (...) E sempre dentro da perspectiva de semear o Verbo. (...) Quem dentre nós sabe, por exemplo, que ele se dedica aos cegos? Quantas entrevistas dá para a preparação ao recebimento dos sacramentos do batismo e do casamento?”*, questiona Charbonneau. Em termos de casamento, as histórias são muitas.

De Malu Montoro, por exemplo. Como editora e professora substituta de Charbonneau, ela e o futuro marido eram muito mais próximos dele do que de Corbeil. Obviamente Charbonneau realizaria o casamento dos dois. Mas o padre, vinte dias antes das bodas, em 1969, teve um problema sério

de saúde e precisou ir para o Canadá. Corbeil chamou Malu em sua sala e perguntou: “Eu quero saber se você me permite fazer seu casamento”. “Ele era o todo-poderoso, o chefão. Eu tinha escolhido outro padre, e ele teve essa humildade de pedir para fazer a cerimônia”, lembra Malu.

“Eu convidei o padre Corbeil para fazer meu casamento em 1990. Tivemos um curso de preparação de casais que ele fez no próprio escritório dele, que era nesta sala onde trabalho hoje. ‘Em vez de fazer um curso nós vamos fazer uma conversa sobre como deve ser o relacionamento’, ele disse. E aí eu pude conhecer outra faceta dele: o diretor era mais formal, mas o padre era muito acolhedor. Fiquei encantado com isso”, conta Fábio Aidar. Coincidentemente, o casamento foi realizado no dia do 76º aniversário de Corbeil, com direito a bolo e parabéns especiais.

“Na homilia dos casamentos ele costumava falar: ‘Olha, eu tenho uma excelente notícia para dar para vocês – eles estão casados!’”, recorda Maria Rita Tostes da Costa Bueno, amiga de Corbeil e organizadora dos clássicos encontros de casais que Charbonneau realizava na escola.

“Amar é querer o bem da pessoa amada... O casamento é a união de inteligências, de vontades, de corações e também união de corpos”, responde padre Corbeil a um jornal universitário que lhe perguntara sobre casamento nos anos 1990. O elo de ligação entre as diferenças do casal seria a amizade. “A amizade supõe conhecimento, diálogo, comunicação de sentimentos. O casal deve ‘curtir’ o amor mesmo que tenha filhos...”, afirmou, exercitando um lado seu que, embora pouco conhecido, realizou durante anos como orientador de equipes de casais – movimento criado na França por padre Henri Cafarell e fundado no Brasil pelo colega Oscar Melanson, que tem por objetivo reunir e auxiliar casais para que cultivem o valor do matrimônio e da família, em Cristo. Em 1996 Corbeil orientava uma equipe havia 39 anos e a segunda equipe havia quatro. A um jornal da equipe de Nossa Senhora ele responde sobre o movimento: “Ele trata da espiritualidade para casais. (...) ele é feito não só pelos padres, mas principalmente pelos casais. (...) O Amor é escolher, o Amor é reconhecer a psicologia masculina/feminina”.

E como se dava essa orientação? “Ele conversava, ouvia, dava conselhos. Não se colocava acima das pessoas, como alguém cheio de verdades. Aconselhava de uma forma que a pessoa ouvia. Não era, ‘faça isso, faça aquilo’. Era ‘sabe, a vida é assim’... Tinha uma forma de convencer diferente de alguém que impõe com superioridade. Ele era o amigo falando, vestido de padre”, conta Maria Alice Arrobas Martins, com filho, netos e bisnetos vinculados à escola.

Nesses idos de 1960 e 1970, as equipes se somavam aos encontros de casais capitaneados por padre Charbonneau. “Chegamos a realizar um encontro por mês, no Colégio, que durava um final de semana inteiro”, relembra Maria Rita Tostes da Costa Bueno, que ajudava a organizar os encontros. “O padre Corbeil abria as portas do Colégio para nós, e tudo o que Charbonneau e a gente pedia ele ia fazendo”.

Rita Bueno, como é conhecida, então se engajou nos trabalhos do SAN, que também se alimentava dos acampamentos-missões dos alunos nos anos 1950 e 1960 junto aos caiçaras do Litoral Norte de São Paulo, numa semente do que seriam os Estudos do Meio atualmente realizados por estudantes, desde as primeiras etapas, no Colégio. Até hoje a escola colhe os frutos do SAN, por meio das viagens e dos programas de cidadania e voluntariado na escola, entre outras ações solidárias.

“Os meninos (alunos voluntários) foram na missa de domingo no Colégio e apresentaram o trabalho que estavam fazendo na favela que ficava na avenida Arruda Botelho. Cuidavam de infraestrutura, como construção, água e luz, documentos, mas não sabiam o que fazer com as mães nem com as crianças”, Rita relata. Esse foi o princípio do Clube de Mães, que se reunia em um barracão no Colégio cedido pelo padre Corbeil.

As mães voluntárias foram buscar orientação em outros trabalhos semelhantes e depois convidaram as moradoras da favela para participarem. Em vez de doações, as voluntárias do SAN propunham participação: “A pergunta era ‘o que vamos fazer juntas’. A gente dava orientações de puericultura, higiene...”. Esse trabalho foi continuado no Arrastão, uma ONG no Campo Limpo. “O padre Corbeil me deu o barracão e ele foi remontado em um terreno doado por Olavo Setúbal”, conta Rita.

O Campo Limpo recebeu atenção mais direta de padre Corbeil. Um dia ele chamou Cláudio Rondello e anunciou: “Eu estou com vontade de fazer um projeto para as pessoas que não têm casa”. “Ele queria fazer campanhas de arrecadação com os ex-alunos, o que de fato ocorreu. Os ex-alunos adoravam o padre Corbeil, e ele arrecadou o necessário”, conta o professor. Por meio do intercâmbio com um padre do Campo Limpo, conseguiram a indicação do terreno e das famílias que poderiam ser beneficiadas. Engenheiros voluntários planejaram dez casas que levaram dois anos para serem entregues, em 1993, com a presença de padre Corbeil, missa e festa em um domingo de manhã. Por meio de carnês com preço subsidiado, em cinco anos as famílias obtiveram as escrituras definitivas.

Ainda com dinheiro em caixa, o capítulo dois do projeto de construção sonhado por padre Corbeil aconteceu em Carapicuíba. Na homilia da missa de Natal o padre fez um apelo e foi ouvido. Uma família o procurou, oferecendo um terreno de 2.800 m<sup>2</sup> na cidade, que integra a região Metropolitana da Capital. A equipe conseguiu planejar 21 casas no terreno, que acabaram destinadas a algumas indicações do prefeito e outras da escola ou selecionadas pelo SAN. Em 1998 as chaves foram entregues, com a participação de Corbeil, já em cadeira de rodas. Esse grupo teve mais dificuldades com os carnês, mas tudo acabou resolvido em 2007, quando o padre não estava mais presente. O projeto das casas populares não foi continuado.

A construção subsidiada de algumas casas para poucas famílias estava muito longe de resolver a grave questão de falta de moradias em um país carente de políticas eficientes nesse setor, mas o projeto revela o lado pragmático de um sonhador. “Nós, os engenheiros e eu, perguntávamos para o padre, por que não dar cestas de construção em vez de entregar a casa pronta?”, relata o professor Cláudio, que conta ter recebido a seguinte resposta de Corbeil: “Quero mostrar aos outros colégios que é possível fazer alguma coisa para transformar a realidade, que isso não é difícil. Já pensou: tem mais de 200 colégios que atendem a mesma faixa social do Santa Cruz aqui na cidade, se cada um fizesse um projeto, já seriam 200 projetos. Além de oferecer cesta básica, remédio – entregar uma casa!”.

Padre Corbeil manteve até o fim sua fé inquebrantável no ser humano e em Deus. *“Sei que ele é considerado um homem pragmático. Ele o é, de fato. Mas sob esse pragmatismo aparente esconde-se uma extraordinária reserva de fé só entrevista por aqueles que convivem intimamente com ele”*. Como Charbonneau, que, a fim de atender o compromisso de rezar uma missa por dia, conforme as regras do sacerdócio, e ainda assim ter tempo para escrever seus livros (foram 45 publicações no total), fazia uma missa em um dia às 23 horas e no outro dia a 0 hora, o que garantia quase 48 horas sem esse compromisso. “Nada disso”, advertia Corbeil. “É uma missa por dia, em um horário em que as pessoas possam participar”.

Além da fé sacerdotal exercitada, Corbeil experimentou milagres pessoais. Certa vez, com 18 anos, Lionel rachou o osso íliaco treinando hóquei. Ao verificar a chapa, o médico decretou que provavelmente seria necessário operar, porque a demora para procurar o tratamento havia provocado a cicatrização da medula do osso rachado. Mesmo assim recomendou repouso de um mês antes de uma avaliação definitiva. Depois de um mês o diagnóstico se repetiu. Era preciso operar. “Então, eu fui ver meu colega em religião, o taumaturgo e hoje beato Irmão André, da Congregação de Santa Cruz. Ele olhou para mim com bondade e me disse, após minha explicação: ‘Seja operado por São José, cura rápido e custa barato’. Aliás, o Irmão André tinha um bom senso de humor”, escreve em suas memórias. Irmão André continuou a prescrição: Corbeil deveria esfregar aquela medalha de São José no local dolorido, envolta em um pano para não machucar a pele. Seguindo essas orientações, o jovem Lionel voltou a disputar os jogos de primavera. Depois de um ano, uma nova radiografia revelou a cura. Até depois dos 80 anos, padre Corbeil não sentiu mais dor naquela perna. Em 17 de outubro de 2010, Irmão André foi canonizado, reconhecido como santo pela igreja católica.

Mas o Corbeil homem de fé manteve a medida do bom senso mesmo em assuntos da alma, principalmente com os pequenos. “Teve um colega meu que foi se confessar com ele e voltou dando risada. Nós tínhamos 12 anos de idade. Ele contou que, após sua confissão, padre Corbeil perguntou:

‘Foi só isso?’. O colega respondeu: ‘Foi. Mas não é grave?’. ‘A próxima vez a sua penitência vai ser o seguinte: você não volta mais aqui com o sapato desamarrado’, foi a penitência que ele deu. Fez o garoto pensar em vez de dizer se era grave ou não”, relembra Ruy Cardoso, que também convidou o padre para ser orientador da sua equipe de casais.

O homem Lionel apreciava jantares, acompanhados de vinho. Encantava-se com as frutas e a fartura tropicais. Gostava de uísque, com moderação. Fumava, mas parou. (Não definitivamente no início, pois filava cigarros de seus secretários antes de eles pararem também.)

Mas o mais difícil foi se aposentar e abdicar do cargo de diretor. Hoje o estatuto da escola fixa essa data em 70 anos. Nos idos de 1992 ainda não havia idade limite, e Corbeil realizou sua sucessão com 78 anos, entregando a diretoria a Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães. “Os superiores perceberam que era hora de mudar. Ele resistiu um pouco, mas acabou se conformando e viveu seus últimos anos muito feliz”, explica o padre José Prado. A transição foi realizada com a colaboração de padre Paul Grenier, superior da Congregação que ficou no Brasil até 2000, em seguida retornando para o Canadá.

O volume e o tom de correspondências que circularam no momento atestam sua solenidade. “Chegado ao termo dessa etapa que percorremos juntos ao longo desse ano durante o qual, de ambos os lados, procuramos, principalmente no silêncio da oração, discernir a vontade de Deus e permanecer abertos a sua graça para depois, num diálogo sincero e fraterno, acertar os passos em vista de sua substituição na direção do Colégio”, escreveu Grenier a Corbeil, sem esconder sua admiração pelo colega: “Entre as qualidades que o caracterizam como educador, eu pude apreciar a sua capacidade de congregar colaboradores e de compartilhar com eles a responsabilidade para assumir juntos o serviço da educação”.

Para a comunidade de pais, alunos, diretores, professores e funcionários, as cartas assinadas por Corbeil e pelo superior padre Paulo, como era chamado no dia a dia, confirmam os compromissos e as garantias para a continuidade do trabalho no Colégio, além das apresentações, elogios, agradecimentos e felicitações no momento da aposentadoria – que não

afastou absolutamente Corbeil da escola nem de novos desafios, como o aprendizado da informática. “Mesmo após se aposentar, Corbeil continuou circulando pelo campus. Visitava alunos, conversava com os diretores e funcionários e começou a escrever suas memórias, no computador”, relembra Fábio Aidar.

Outra mudança – para uma casa fora do Colégio – foi bem mais fácil. “Ele ficou muito feliz quando decidiram fazer uma das coisas que ele mais queria, que era o Ensino Infantil”, testemunha a amiga Rita Bueno. Mas não havia espaço para uma nova edificação adequada à faixa etária e a melhor solução era adaptar a residência dos padres, naquele momento subutilizada. “Teve um movimento de várias famílias contra, mas o padre estava numa felicidade completa”, confirma a amiga. O marido de Rita se ofereceu para mostrar a casa de uma conhecida que estava vaga, perto da escola. “Corbeil bateu as mãos, empolgado, e logo disse ‘Vamos lá já ver!’” Rita conta que foi abordada por outras famílias para participar de um abaixo-assinado para a escola não usar a residência dentro do campus para a Educação Infantil. “Eu disse que não ia assinar. Eu estava com ele todos os dias e ele estava feliz. Ele ficou cercado de um carinho de vovô por todos”, relata.

“Foi grande a generosidade dos padres de ceder a casa para a escola. É claro que buscamos uma casa confortável próximo ao Colégio, mais adequada até que a residência dos padres”, explica Fábio Aidar, lembrando que foi construída uma piscina aquecida na qual, no final da vida, padre Corbeil fazia exercícios semanalmente.

A convivência com outros padres era de uma vida comunitária, intensificada na aposentadoria. Missas, orações, refeições, um aperitivo antes do jantar, telejornais, jogos de buraco. Sempre foi um homem eminentemente social, não tinha dificuldade de convívio. As famílias amigas também continuavam próximas “Depois do falecimento do meu pai, Corbeil vinha me visitar. Vinha ouvir música. Adorava ópera. Ele gostava da voz humana, *‘la voix humaine’*, dizia. O maior dos instrumentos”, rememora o ex-aluno e amigo Cesar Ciampolini. Sua esposa, Hilda, completa: “Fomos jantar no Colégio com o padre Corbeil quando ele já estava bem idoso.

Colocou uma ópera para tocar e disse: ‘para nós, que somos sozinhos, a voz humana é muito importante’”.

O homem, o administrador, o apóstolo-missionário, o educador – sempre esteve rodeado de boas cabeças e grandes afetos. Charbonneau, em sua homenagem, reafirmou: “O *pavilhão principal do colégio tem o nome de Lionel Corbeil. Desejamos esse símbolo para acentuar, quando ele não estivesse mais aqui, o fato de que sem ele nada disso que aí está teria existido. Ele soube ser teimoso para a glória de Deus e para o bem da nação brasileira*”.

“Padre José e eu de vez em quando conversamos: seria interessante o padre Corbeil ver o Colégio como está hoje, com essas modificações, a ampliação, as novas formas de fazer. É o colégio que ele imaginou”, evoca padre Roberto. Padre José devolve: “Eu tenho o costume de várias vezes por semana vir passear na escola. Sinto uma satisfação enorme, acho que o nosso campus está uma beleza. E é exatamente o que o padre Corbeil queria. Ele deve estar vendo tudo lá de cima”.

## Série “Santa Cruz de Perfil”

### Edições já publicadas:

**Padre José Amaral de Almeida Prado: sacerdote da esperança, educador de minúcias**  
(setembro de 2015)

**Padre Roberto Grandmaison: fermento na massa**  
(setembro de 2016)

**Padre Paul-Eugène Charbonneau: o boxeador que ensinava a pensar**  
(setembro de 2017)

**Padre Lourenço Roberge: razão, fé e sensibilidade**  
(setembro de 2018)

**Padre Lionel Corbeil: pragmático sonhador**  
(novembro de 2019)